
IMPrensa E JUVENTUDE NOS ANOS 50

Simone Luci Pereira

Doutoranda em Antropologia – PUC/SP

Bolsista FAPESP

RESUMO: *Analisando a imprensa dos anos 50, é possível perceber as noções de juventude em jogo naquele momento, com um confronto entre dois padrões normativos que parecem ter sido predominantes para aquela juventude: jovens “equilibrados” e “transviados”. Perfaz-se na imprensa, um discurso que tenta balancear elementos distintos, aspectos antigos e mais modernos, elementos permanentes e modificados na década de 50. Num momento em que a categoria juventude se firma na sociedade do pós-guerra, interpretar as representações dos jovens do período feitas pela imprensa (em cruzamento com outras fontes) parece ser um caminho profícuo para a compreensão do cotidiano juvenil daquele momento. Busca-se interpretar improvisações do cotidiano que reelaboram o que é imposto, compreendendo de que maneira os jovens do período não estavam necessariamente encarcerados nestas noções polarizadas.*

Palavras-chave: *juventude, imprensa, anos 50*

Este texto contém parte das reflexões elaboradas para minha tese de Doutorado em Antropologia na PUC/SP, que analisa os ouvintes das canções da Bossa Nova. Mas, como buscar estes ouvintes? Através do cotidiano podemos documentar tanto os aspectos normatizadores da sociedade, quanto aquilo que não foi dito, apontando assim as suas fissuras. Toma-se como pressuposto uma noção de cotidiano que contém as tensões, as pluralidades, as formas dispersas de subversão à normas e regras sociais, e não um cotidiano que mostra apenas o curioso, anedótico, harmonioso e normativo do passado. Este cotidiano é construído no presente pela interpretação do pesquisador, no diálogo com as variadas linguagens ou fontes (neste caso, a música, as memórias dos autores/produtores da Bossa Nova e dos ouvintes e também a imprensa da época) que discursam sobre este passado, para assim chegar à recepção da Bossa Nova.

Este *corpus* documental é compreendido como uma trama de significações que podem trazer fios do cotidiano vivido naquela época estudada (Rio de Janeiro, décadas de 50 e 60). Entendendo sempre estas fontes não como polaridades opostas, mas como elementos que, em seu entrecruzamento ajudam a desvelar aspectos da realidade vivida, é que aqui nesta comunicação desenvolvo uma reflexão que tem como eixo principal a análise a cerca da imprensa da época (mais particularmente as revistas *O Cruzeiro*, *Manchete* e o jornal *Última Hora*). A perspectiva que se toma ao usar a imprensa como fonte, é pensá-la como discurso sobre o real, como representação que veicula normas e ideologias, e não o real tal como foi^{ix}, onde procura-se considerar os periódicos como um todo, analisando suas reportagens sobre variados assuntos (política, economia, fatos diversos), as crônicas de jornalistas e literatos, as propagandas, cartas de leitores, as matérias femininas (que, de alguma forma, sempre se remetem também ao masculino) e a crítica musical. Interpretar as experiências dos ouvintes da Bossa Nova - um movimento musical que se queria jovem e moderno – parece requerer esta análise sobre como circulavam socialmente os padrões, modelos, normas sobre a juventude do momento, para ao mesmo tempo, sair destes elementos normativos e chegar a uma análise que contemple a experiência cotidiana destes jovens que ouviam Bossa Nova, suas improvisações possíveis de saída a estes padrões. E a imprensa apresenta-se como fonte privilegiada para tanto, ao trazer elementos do cotidiano das sociedades.

Dentre as variadas expressões e linguagens vistas na imprensa mencionada (artigos, crônicas, reportagens, publicidade, cartas de leitores, conselhos femininos, etc.), três temas principais estão sendo analisados para minha tese, a saber: juventude, cidade, e imagens de gênero (masculino e feminino). Nesta comunicação, apresentarei algumas considerações a respeito da questão da juventude.

Um dos principais letristas da Bossa Nova, Ronaldo Bôscoli, conta em suas memórias que quando era jovem, por volta dos 20 anos, não trabalhava, vivia na praia, praticando esportes, namorando, “pegando jacaré”, jogando futebol. Estudou até o quarto ano ginásial em colégios internos, quando decidiu abandonar os estudos e “tentar” trabalhar.

Bem, por esta época eu era a materialização viva daquele mocinho bonito do samba do Billy Blanco, que não trabalha e se sustenta com o dinheiro que a irmã lhe dá

toda semana. Achava que ia resolver minha vida de maneira muito simples, dando o golpe do baú e ficando muito rico.^{ix}

No espaço da memória construído por Bôscoli, a música de Billy Blanco mostra-se como uma referência à uma vivência quando jovem, no Rio de Janeiro, à uma ilustração da memória. Definindo-se como este “mocinho bonito”, Bôscoli parece querer ressaltar uma experiência jovem que se tinha nos anos 50, algo que ele mesmo definiu como “a Carioca way of life”, isto é, um viver urbano na zona sul, em festas, nos cinemas, nos barzinhos, na praia, praticando esportes, regado à muita música “moderna” (Dick Farney e Lúcio Alves), jazz e Frank Sinatra. Assim, parece constituir-se aqui um padrão de juventude ligado às camadas médias cariocas. Mas será que estas eram experiências comuns a todos os jovens da década de 50 ? É preciso questionar os limites do que significava ser um “mocinho bonito” nos anos 50 como padrão de juventude. Vejamos a imprensa:

Não conheço todos os “brotinhos” de Copacabana. Mas a turma que eu conheço - de rapazolas e mocinhas - pincela fortemente o quadro bizarro dessa estuante mocidade do chamado bairro mais grã-fino da cidade. Copacabana mudou muito (...) Antigamente era simples, como uma boa dona-de-casa burguesa que recebe seus convidados com trajes asseados e caseiros (...) por volta de 1926-27(...) o posto 6, o “esportivo”, reunia a rapaziada atleta - a própria Copacabana jovem, rústica, alegre e sadia física e mentalmente.^{ix}

Se surge aqui na imprensa, uma valorização dos tempos passados, tidos como ideais, com esta juventude “sadia”, “alegre”, “rústica”, o artigo continua, salientando agora o atual estado e os comportamentos da juventude.

essas recordações me tomam freqüentemente o espírito sempre que entro em contato com a juventude moderna de Copacabana. Porque para essa juventude, apesar das belas aparências em contrário, seria interessante tirar das velharias do tempo, limpar o pó e cultivar certos hábitos da antiga Copacabana. Por exemplo : fundar um clube (...) [Nestes lugares] conversava-se, dançava-se e , sobretudo, havia um intercâmbio de

idéias, faziam-se relações agradáveis - uma recreação útil, um lugar certo e acolhedor (...). Porque atualmente, o que Copacabana oferece aos seus “brotinhos”? Praia, cinema, alguns esportes e mais o que? Especialmente à noite? Mais nada, a não ser buates, teatrinhos-de-bolso. Esses lugares podem ser maravilhosos para gente adulta, mas, positivamente, nada recomendáveis para gente miúda.

Este artigo faz conhecer as atitudes tidas como erradas e desaprovadas dos jovens da época. O discurso parece estar criando um ideal de juventude para o momento : deve-se reunir em lugares para conversar, dançar, trocar idéias, enfim realizar uma recreação “útil”. Mas o que significaria esta “utilidade” ? Parece referir-se à uma ocupação do tempo dos jovens com aquilo que “deve ser”, isto é, o padrão normativo para os comportamentos juvenis, que seria não frequentar as “buates” e outros lugares que começavam a proliferar em Copacabana e sua agitada vida noturna, e que não eram lugares para jovens. Assim, este artigo não só cria um ideal de juventude, mas aponta também para o que não “deve ser” mas, entretanto, “era”.

Este padrão de comportamento “útil” dos jovens é ressaltado em muitos momentos na imprensa dos anos 50, tanto em artigos e crônicas como este acima, como também nas colunas e seções dos periódicos voltados para conselhos aos jovens, ou conselhos femininos.

Dentro do quinhão de vida que lhe coube, ela deverá procurar se realizar : sem alarde , sem sonho de glória, mas procurando fazer de sua vida uma vida útil, não somente a si mesma como à comunidade. Poderá e deverá estudar sim, se isto lhe apraz. (...) estudar pelo prazer de saber, sim, mas sem esquecer que deve ser útil. (...) [Deverá] ocupar suas horas de maneira proveitosa, útil, construtiva para não mais se sentir inferior. ^{ix}

Este conselho é dado à uma moça que envia uma carta para a coluna “Da mulher para a mulher”, dizendo-se com complexo de “não ser inteligente”, pois só tendo estudado até o curso ginásial, sente-se inferiorizada. O conselho é dado no sentido de que não se sinta desta maneira, pois ela pode ser muito útil à sociedade, ocupando o seu tempo com aquilo que representaria o ideal para as jovens : estudando - pois “o tempo em hipótese alguma, será impecilho para que ela prossiga nos seus estudos” - ou casando-se. Este ideal de “utilidade” pode ser articulado à uma

noção de produtividade, lembrando-se que os anos 50 parecem ser o momento em que uma sociedade de consumo - pós-guerra - despontava. No mesmo sentido, é dito que ela não deve sentir-se inferiorizada pois “o maior ou menor grau de inteligência da mulher se manifesta muito, também, pela sua sensatez”. Ora, parece que aqui, revela-se um outro componente do “dever ser” destas jovens - a sensatez. A moça deve estudar, mas deve ser útil, onde o “ser sensata” parece representar uma idéia de moderação, ponderação e de comedimento. Mas, e as moças que estudando, sendo “úteis” à sociedade, ainda assim frequentavam os cinemas, os “teatrinhos de bolso”, enfim, frequentavam a noite do Rio de Janeiro, em companhia (ou não) de seus namorados ou acompanhantes ? Articulavam em seu cotidiano, tanto as normas de estudo e namoro regrado que se normatizava na imprensa feminina, e também o frequentar das “buates” para ouvir os cantores e artistas de que gostavam ?

Um olhar sobre a difusão de aspectos normativos no que tange à juventude, pode levantar mais questões quanto aos papéis femininos - normatizados e informais - da década de 50. Na seção “Eles e elas” do Jornal Última Hora de 04/09/56, uma moça do interior conta que “morre de ciúmes de seu noivo que trabalha na capital”, ao que recebe o conselho:

Saiba dosar o seu ciúme, pois em demasia destrói a vida de uma pessoa. Você deve confiar em seu noivo, pois ele está tratando de construir o lar de vocês (...) Se não tiver confiança nele, o caso é outro, pois o homem que não é digno de confiança, não é digno de amor (...) Mas se ele é um homem íntegro, um homem com H maiúsculo, não tolerará desconfianças, não admitirá ser levado em conta de leviano.^{ix}

Percebe-se aqui, uma tentativa de regrar e padronizar comportamentos de moças e rapazes, no sentido de adequarem-nos ao discurso do ideal de jovens do período. Deixa entrever aspectos de um “dever ser” sobre a mulher, que se apresenta aqui como o da razão, do equilíbrio, onde deve-se saber “dosar o ciúme”, tomando-se o cuidado para não desconfiar do noivo sem motivos, o que mostraria uma moça inconsequente, instável e levada por emoções. Quanto ao masculino, o discurso refere-se ao homem provedor, que se preocupa em “construir um lar” para sua futura esposa ; o perfil do homem “íntegro” surge portanto, nos termos de ele ser um “homem de confiança”, que, assim, merece o amor da jovem (a qual, ao sinal de uma desconfiança com

fundamentos, deve esquecê-lo). Nesse sentido, constrói-se o modelo de masculinidade pautado na integridade, onde, sendo um “homem com H maiúsculo”, não tolerará desconfianças.

Perfaz-se então, um discurso do equilíbrio, em que se deve balancear elementos distintos, aspectos antigos e mais modernos, que salientam elementos permanentes e modificados no tempo atual. A jovem deve equilibrar confiança e ciúme, ou então casamento e estudos, sendo que esta moça que tem ciúme do noivo que trabalha é repreendida, pois uma candidata a futura esposa deveria saber que com o marido trabalhador e provedor, ela talvez não precise trabalhar ; ela não deve, assim, atrapalhá-lo no seu trabalho com seus ciúmes excessivos (que desequilibrariam a estabilidade social).

Lembra-se ainda que a participação da mulher no mercado de trabalho nesta época é um fator no conjunto de transformações por que passavam as relações homem-mulher.^{ix} Assim, o discurso do equilíbrio parece incorporar sutilmente outros valores em conformidade com as novas necessidades, pois os novos padrões de consumo solicitam uma mulher que também trabalhe. Desta forma, se a necessidade econômica faz com que a mulher seja permitida a entrar no mercado de trabalho, diz-se também que ela deve ser ainda a “rainha do lar”, num equilíbrio construído como ideal em que estas necessidades econômicas são escondidas sob a alegação de que a mulher dos anos 50 é “moderna”, trabalha e não é só dona-de-casa.

Apresenta-se assim, no conselho dado à jovem do interior, uma tensão entre um equilíbrio racional, uma racionalidade estável (que deveria ser) - de confiar no noivo que está construindo um lar - e a falta de equilíbrio, que foge deste padrão - o desconfiar do noivo infundadamente, por ciúme excessivo. Não se busca aqui, no entanto, apenas levantar antagonismos, oposições entre uma falta de equilíbrio e um equilíbrio racional, mas salientar as tensões que se dão neste diálogo, as mediações possíveis entre eles, interpretando os aspectos que estão no meio, as intermediações onde este “equilíbrio” idealizado pode, nas improvisações do dia-a-dia aparecerem de formas variadas, reelaboradas e modificadas, e não utilizar as categorias em binarismos que se excluem. Desta forma, será que não haviam as formas de burlar ou reelaborar este equilíbrio que se queria ?

Nas memórias de Bôscoli, apresenta-se uma tentativa de salientar um “carioca way of life”, um “jeito carioca” que, em sua construção surge como essencial, natural ou único, em que tem-se muito de uma idéia de “malandragem”, da “esperteza” carioca, onde conta que, juntamente com seus amigos, pirateavam linhas telefônicas para conversar com as namoradas,

entravam em festas sem serem convidados, praticavam o que chamavam “trotos”, em personalidades da alta sociedade carioca. Enfocam assim, uma tentativa de construção de um cotidiano carioca leve e ingênuo dos “anos dourados”. Mas será que pode-se compreender este cotidiano jovem carioca dos anos 50 de uma maneira tão linear e esquematizada?

No depoimento de Bôscoli, parece haver a tentativa de mostrar-se como uma “juventude transviada”, o que é uma construção da memória, uma juventude que passava trotos, que pirateava linhas telefônicas, gritava nos cinemas, atrapalhando as sessões, ou seja, quer construir um jovem desviante. Convém questionarmos se Bôscoli e seus amigos, colegas, seus pares, enfim, constituíam-se num desvio aos padrões normativos. A memória procura construir sentidos unívocos, ocultando diferenças e tensões, ou ainda enaltecendo fatos, passagens, atribuindo-lhes sentidos de exaltação e valorização, com uma perspectiva que vem do tempo presente de quem lembra e da imagem que se quer formular. Nota-se portanto em Bôscoli, uma tentativa de construir sua experiência de juventude como “transviada”, desviante, que fugia, enfim, aos padrões que se determinava aos jovens. No entanto, este falar de seus feitos, como o “piratear linhas telefônicas para conversar com as namoradas”, por exemplo, parece que mais oculta do que revela as maneiras pelas quais os sujeitos constroem, no seu fazer-se cotidiano, as táticas para (re)elaborar os padrões lançados no social. Em outros momentos de seu depoimento é possível perceber esta tentativa de parecer desviante, de “ser prá frente”, (como gostava de expressar-se) não só para os rapazes de sua época, mas também para as moças.

A Danuza [Leão] que conheci era a própria personificação

da Radical Chic. Ela era uma sensação - e um escândalo também.

Desfilava pela praia com a sainha acima do joelho... Era muito prá frente.(...)

Era uma garota bem nascida, rica, chique e muito prá frente. (...) Já naquele tempo,

Mônica Silveira ia à praia, de mãos dadas com o namorado, tomar banho de mar.

À noite, é claro. Muito prá frente.(...) Mônica foi um grande espanto da nossa época. ^{ix}

O ser “prá frente” parece significar uma tentativa de “ser moderno” no que tange aos comportamentos. Vê-se aqui, quanto o desafiar regras, o escandalizar, são ressaltados, tanto quanto dava-se importância ao refinamento, ao “ser chique”, à elegância, um padrão tão ressaltado nos anos 50. Um “ser chique” que insinua saias curtas, corpos bronzeados à mostra,

maiôs duas peças na praia - um ideário que repousa-se sobre a ousadia, mas ainda sobre a elegância e o refinamento. Parece que suas memórias querem construir uma valorização da sensualidade feminina, onde esta mulher sensual não seria vista como vulgar, mas como “moderna”. Porém, estas moças constituíam-se, como ele próprio salienta, em “espanto de nossa época”, ou seja, em moças fora do padrão. Isso acabava fazendo com que estas fossem reapropriadas pelos discursos normativos, pela tentativa de regramento das moças, onde proibiasse os namoros à noite na praia, e o padrão de elegância das revistas femininas recaía sobre as saias e vestidos que cobrissem os joelhos.

Ainda sobre este trecho de sua memória, levanta-se a questão da valorização da elegância. Ora, este discurso da elegância pertencia igualmente àquele que dizia das regras de comportamento e ao normativo. Numa matéria intitulada “... mas bonitas mesmo são as grã-finas...”, valoriza-se a elegância das mulheres e não só a beleza.

A questão realmente difícil em sociedade é saber quem é a mais bonita, e sobretudo, não confundir a elegante, a que tem charme, com a beleza pura.(...) Elas brotam de seus vestidos Dior, elas saem do mar de Copacabana, elas invadem os negócios e dominam a noite. (...) Elas são exóticas e inteligentes como a senhora Danuza Wainer. (...) E têm uma classe, uma maneira, um encanto inigualáveis.^{ix}

Ora, o ideal de elegância perpassa também o discurso do “dever ser” para a mulher dos anos 50. Ressalta-se inclusive que não adianta só a “beleza pura”, mas tem de ter elegância e charme. Assim, a trajetória de Bôscoli parece caminhar entre um discurso que se queria desviante e o discurso normativo, que pregava que o ideal era uma juventude equilibrada, onde tem-se uma tensão. O equilíbrio, nesta matéria, versa sobre as mulheres, que devem “vestir Dior” mas ainda ir à praia, invadir os negócios (trabalhar), serem inteligentes, mas ainda sorridentes e manterem seu “encanto”. O discurso do equilíbrio perpassa diferentes momentos desta época, apontando em diversas direções em que este “equilibrismo” deveria imperar, embora ele não fosse, como vimos, tão hegemônico.

Quem não aprecia uma moça alegre, dessas que sabem conversar com todo mundo, que são amáveis, desportistas, que irradiam juventude ? Impossível não gostar

de uma pessoa assim. Até mesmo os homens mais sisudos, certos “esquisitões” apreciam uma mulher vivaz e aprova está em que frequentemente se vêem casamentos dessa natureza - um homem caladão e uma mulher jovial. (...) A mulher pode ser carinhosa sem ser fria, desde que não confunda carinho com licenciosidade (...) e nenhum rapaz realmente bem intencionado protestará contra a “frieza” da sua namorada uma vez que ela o ame com devotamento e sinceridade, mas sabendo se impor ao seu respeito e à sua admiração.^{ix}

No que tange ao comportamento nos namoros entre os jovens, o discurso do equilíbrio também se faz notar, onde a jovialidade e o entusiasmo da jovem são valorizados e recomendados, não devendo, porém, ser confundidos com a permissão de procedimentos “indecorosos”. A mulher, portanto, deve expressar seus sentimentos, (sendo que em muitas outras colunas, o amor recíproco é valorizado, em que aconselha-se não namorar com um rapaz de quem não se gosta), não deve ser fria, mas equilibrar seu carinho e devotamento com respeito e retidão. Desta moça dos anos 50, cobra-se a “personalidade”, não mais uma passividade absoluta, mas que, no entanto, é ainda regrada por alguns preceitos : “alegre sem ser dispersiva”, ou “suave ditadora” ; enfim, uma personalidade equilibrada. Assim, as novas prescrições lançadas às moças dos anos 50 - em consonância às mudanças por que passavam a sociedade do período pós-guerra, de incipiente formação de uma sociedade de consumo no Brasil - procuravam ser normatizadas, onde, incorporando inovações, reelaborava-se o discurso de estabilidade social desejada.

Neste mesmo conselho (na mesma coluna), surge a figura do rapaz ; refere-se aqui à um rapaz sisudo, que qualificado pejorativamente como “esquisitão”, parece sempre procurar uma moça jovial e alegre para casar-se, pois o rapaz deveria ser sério, ter “boas intenções”, mas ser também alegre e jovial, o que aponta também para um discurso em que o equilíbrio deve imperar.

Nos discursos dos anos 50, é possível perceber que o padrão de jovem responsável, que se ocupa em trabalhar, estudar, “construir um futuro”, apresenta-se em concomitância com um ideal de amor romântico, propagado pêlos meios culturais, onde nem os artistas fugiam à esta construção.

Na Bahia, o menino João Gilberto juntou-se a uns amigos e formou um conjunto vocal. Seu sonho era tornar-se cantor. Ingressou no conjunto “Garotos da Lua” e permaneceu na Rádio Tupi durante cinco anos. Abandonou o grupo e

preocupou-se em buscar um estilo diferente . Queria algo novo (...) Seu LP “Chega de Saudade” foi um “estouro”. Sua maior felicidade, entretanto, foi encontrar o amor de sua vida, hoje a Sra. João Gilberto.^{ix}

A reportagem versa sobre os novos cantores presentes na cena musical brasileira, traçando um pequeno perfil de cada um. Destaca sua carreira, seus feitos, mas enfatiza que o mais importante evento ou fato de sua trajetória foi “encontrar o amor de sua vida”. Ora, pode-se perceber que este discurso abrangia até os artistas, sujeitos que naquele momento não figuravam como ideais para o casamento, à vida estável. Parece que o artista, inclusive é tido como modelo de aparência, com seus padrões estéticos e o que eles representam, mas não um padrão de vida cotidiana. Por isso, há tanta preocupação em revelar a vida destes artistas como regrada, onde proliferam matérias sobre cantores, compositores, ao encontrarem “o amor de sua vida”, casando-se, ocupando-se com o lar, as tarefas domésticas.

A carreira de Vicente Celestino e Gilda de Abreu está marcada por toda uma ininterrupta série de sucessos artísticos. Os assuntos dramáticos que Celestino interpreta em suas canções têm conspirado, muitas vezes, contra a sua vida conjugal. Mas a verdade é que nada até hoje toldou a felicidade doméstica dos populares cantores. Em algumas ocasiões, por força dos compromissos profissionais, Gilda e Celestino se separam, mas isso nunca teve relação com a realidade cotidiana deles, embora concorresse para o fortalecimento dos boatos espalhados a respeito da vida íntima do casal. (...) O casal percorre os recantos poéticos que serviram de cenário para seu romance de amor. A paisagem não mudou e a felicidade deles é a mesma.^{ix}

Ressalta-se que mesmo com uma vida de muitos compromissos que os dois artistas possam ter, nada os afasta e nem colabora para a sua infelicidade, onde a reportagem é toda entrecortada de fotos que mostram o casal passeando por lugares onde conheceram-se, começaram a namorar, numa idéia de romantismo, em que nem as letras dramáticas das canções que o cantor de “O Ébrio” possa interpretar, atrapalha o casal “mais feliz que nunca”.

Assim, mostra-se nos discursos do equilíbrio sobre os sentimentos - como o amor, o ciúme, o encontro do “verdadeiro sentimento” - elementos que parecem que nos conduzem à

percepção da normatização de práticas sociais. Estes sentimentos recebem balizas sociais para garantirem o casamento certo, com a “pessoa certa”, mantendo assim, uma estabilidade social.

Em outros depoimentos, é possível perceber também, um dos aspectos da memória, que é o de, algumas vezes, trabalhar como encobridora das experiências passadas, onde se vê na narrativa memorialística, uma tentativa de linearizar, univocizar as experiências do passado, dando-lhes sentido e coerência.

Eu gostava dos Mamonas [o grupo Mamonas Assassinas] não como músicos, eu acho que eles eram uns moleques da música ... uma coisa que eu e o Ronaldo fazíamos muito, nós fazíamos muita molecagem ... Molecagem, sacanagem, passar trotes, brincadeira, essas coisas É aquilo que o Bôscoli falava no livro dele, um “carioca way of life”. Os Mamonas, a gente não pode encarar, quer dizer, os músicos não podem encarar os Mamonas como música, tem que encarar como uma sátira, o que é bem diferente.(Chico Feitosa ^{ix})

Chico Feitosa, ao rememorar suas experiências quando jovem, ao dar sentido à sua trajetória em companhia de Ronaldo Bôscoli, assume que eram “moleques”, ou seja, busca construir uma imagem de experiência nos anos 50, no Rio de Janeiro que mostrava-se ingênua, leve, harmoniosa, salientando cores de uma valorização da juventude naquele período. A exaltação de um discurso satírico, nas músicas, quando argumenta que eram uns “moleques da música” corrobora ainda mais para a formação de um imaginário jovem que parecia ter um de seus pilares na idéia de uma juventude “alegre”, “descontraída”. Parece formular então, uma noção de descompromisso, a construção de uma idéia de fuga aos padrões do jovem sério e regrado, em que este descompromisso revela um pouco um aspecto desta “juventude transviada” que toma para si. No entanto, nas memórias de Bôscoli ou de Feitosa, esta expressão “juventude transviada” não é utilizada para nomearem-se. Embora não se qualifiquem assim e, embora na década de 50, o jovem “transviado” não estar confundido com o jovem “descontraído”^{ix}, é possível perceber uma construção do presente na qual a memória parece ter se apropriado deste imaginário de desvio, onde o lembrar parece se mostrar como desvelador de atitudes e sentimentos que pareciam encobertos.

A trajetória de Bôscoli parece situar-se assim, nesta tensão entre o ideal normativo para os jovens do período - o discurso do equilíbrio - e a idéia de “juventude transviada”, onde se auto-proclamava desviante destas regras. Neste meio, que se desloca, se rearticula a cada situação, variando em aproximações à um lado e outro, podemos encontrar a interpretação para o cotidiano de jovens das camadas médias cariocas dos anos 50 ; experiências que salientam cores de um cotidiano em tensão, que se elabora nas múltiplas formas de experimentar historicamente as práticas do cotidiano, extraíndo “de seus ruídos as maneiras de fazer que majoritárias na vida social, não aparecem muitas vezes senão a título de resistência ou de inércia em relação ao desenvolvimento da produção sócio-cultural (...) Uma criatividade oculta num emaranhado de astúcias silenciosas e sutis, eficazes, pelas quais cada um inventa para si mesmo uma ‘maneira própria’ de caminhar pela floresta dos produtos impostos.”^{ix} Neste meio caminho, nesta zona do interdito, do indeterminado é que parece estar o lugar da interpretação histórica a respeito da trajetória de Bôscoli e de seu fazer-se enquanto jovem dos anos 50. Num fazer-se que incorpora tanto elementos normativos quanto do ideal de desvio da época (da construção memorialística), onde este ideal e seu ícone, a “juventude transviada”, mostram-se em (re)arranjos, e (re)articulações constantes, onde é preciso relativizar, mostrar as diferenças deste imaginário de desvio. Mesmo falando de uma juventude que, em suas “arruaças”, pode até sugerir um ideal construído de ingenuidade e não de transviamento, lembra-se que este ideal de “juventude transviada” se articulava e rearticulava diferentemente, incorporando ora certo grau de transgressão, ora certo grau de adaptação. Pois, será que esta juventude realmente transgredia os padrões impostos e podemos dar-lhes um estatuto de desviantes? Será que mesmo em suas formas de diferirem, do ideal juvenil proposto eles não estavam também reafirmando as normas, uma vez que também namoravam, noivavam, casavam - se ajustavam assim às regras de família burguesa - buscavam padrões de elegância, enfim seguiam os padrões propostos ?

Assim, é necessário repensar a noção de “juventude transviada”, que tanto se propagava nos anos 50 e que, de alguma forma, permanece na memória de muitos que vivenciaram este período, como também na memória histórica.

Tudo isto - violência sexual, gangues juvenis, drogas - é apenas um mergulho nos porões de uma cidade que ainda não existia de fato. Todo esse mal que se escondia nos corações humanos se parecia mais com a cara dos dias de hoje do que com a

multidão sorridente que, paralelamente, transformava as matinês de Tom e Jerry, no Metro Passeio, em um acontecimento de alegria espetacular.(...) nos dias 31 de dezembro de 1950, haviam sido registrados apenas quatro assaltos. (...) [Em 1958] reproduz-se estatísticas de pouco mais de um assalto a cada hora em toda a cidade. (...) com a perspectiva do tempo, os números parecem o livro de ocorrências de uma delegacia no Céu. Mesmo na zona norte a violência ainda era folclórica.^{ix}

Mesmo não se constituindo num trabalho historiográfico, temos neste trabalho acima citado a tentativa de explicar e analisar os fatos e a história daquele momento, tido como ideal, “dourado”. O fato de dizer que os crimes e os fatos ligados à “juventude transviada” não eram senão coisas do “porão” da cidade, revela uma tentativa de perpetrar uma imagem de cidade e de tempos ideais, onde estes elementos do “porão” seriam apenas coisas que não se encaixavam no padrão dominante da época, que seria uma vida sorridente nos cinemas. Para longe de querer-se aqui reafirmar a transgressão desta “juventude transviada”, mas sim no intuito de desconstruí-la, relativizá-la, é que detenho o olhar sobre este trecho do livro de Joaquim Ferreira dos Santos, como um exemplo do que muitas vezes a memória histórica sobre um período pode encobrir as tensões que se davam nas experiências do cotidiano. É assim que, na busca de uma história que não apenas reafirme os mitos e dogmas da memória histórica sobre um período, procura-se aqui, desconstruir (para reconstruir) a noção de “juventude transviada” nos anos 50.

Na imprensa da época, é possível perceber o quanto se fala desta “juventude transviada”. Em debates jurídicos, educacionais, assistenciais este assunto é percebido. Inúmeras são as notícias, notas, matérias, reportagens que dão conta de “arruaças” e “pegas” nas ruas de Ipanema e Copacabana, ou nos subúrbios de Nilópolis ; assassinatos e estupros de moças, só para citar alguns exemplos. Dentre estes, o mais emblemático e que causou maior repercussão foi o assassinato da jovem Aída Curi, tendo gerado muitos debates até em torno da possibilidade de ser aprovada uma lei que estendesse até os menores de 18 anos a responsabilidade penal, uma vez que um dos acusados por este crime tinha 16 anos de idade.

Tudo evolui, menos a forma de punir os culpados. (...) É a teoria x prática. Demonstra [o Ministro do STF] Nelson Hungria, em seu invejável saber, que é inteiramente inadequada a expressão “Delinquência juvenil”. Ora, os polemistas não

apresentam um roteiro para corrigir o mal estar social em que vivemos. assim pouco interesse tem o acerto ou desacerto da expressão. O que interessa é uma solução imediata para os problemas dos crimes praticados pelos maiores de 14 anos, e muitos dos quais de uma brutalidade sem par (...) O que queremos é um remédio de efeito imediato que possa devolver à sociedade a necessária tranquilidade de vida (...) A violência dos crimes praticados por bandos de menores desajustados exige pronta e rigorosa aplicação penal. ^{ix}

Tem-se aqui a cobrança por medidas mais severas por parte da Justiça, contra estes “delinquentes”, “desajustados” que tiram a “tranquilidade” necessárias ao social. Constrói-se assim, um discurso que, dizendo o que um jovem não deve ser, aponta pistas para compreendermos alguns significados do que se queria dizer com “jovens desajustados”, num desajuste que aponta mais uma vez para o ideal normatizado do equilíbrio juvenil. No entanto, este equilíbrio é construído de maneira que pareça harmonioso e sem conflitos, onde aspectos diferentes devem conviver bem equilibrados.

Como já noticiamos, Nilópolis foi palco na madrugada de sábado de uma curra praticada por componentes da chamada “juventude transviada”. Três jovens (...) foram violentamente arrastadas e espancadas por cinco jovens (...) onde submeteram [-nas] a toda sorte de vexames.(...) Assinale-se que esta não é a primeira vez que acontecem curras em Nilópolis, nas proximidades do local que, ao que informam os moradores da redondeza, parece ser o QG da juventude transviada do local. ^{ix}

Vê-se que a nomeação “juventude transviada” já se faz presente, como designando todos os jovens “delinquentes”, pois mesmo usando-a entre aspas e referindo-se à “chamada juventude transviada”, tem-se a construção de um grupo específico, nomeado e que parece ressaltado como espalhado por vários recantos da cidade, como existindo na zona sul (aparecendo em outras notas policiais crimes em Copacabana, Leblon) e também nos subúrbios de Nilópolis, como a “juventude transviada do local”. No entanto, se o discurso até aqui parece desqualificar (e assim normatizar) apenas os rapazes “delinquentes”, em outras ocasiões, a normatização alcança também a vítima.

cheguei à conclusão, diante da realidade, de que a morte de Aída tem sido muito útil. (...) compreendo que a morte da minha amada Aída está servindo como uma severa advertência a todas as moças que desejam conservar sua pureza, como foi pura a minha família. (...) Não chega que uma jovem seja cândida e sincera. É preciso que saiba defender-se das coisas ruins que a cercam. (...) Se Aída não fosse tão cândida, talvez tivesse voltado para casa, sem a bolsa e os óculos, mas com vida. (...) uma jovem pode ser pura sem ser totalmente desprevenida. (...) Criaturinha meiga, simples e sossegada, era inteligente como poucas criaturas e estudiosa. (...) seu diretor espiritual e confessor reconhecia em Aída uma verdadeira santa. (...) acredito que a Justiça fará Justiça, proporcionando aos moços a mesma lição que Aída deu às moças.^{ix}

O depoimento é da mãe de Aída Curi - moça que foi morta no ano anterior, ao cair (ou ser jogada) do alto da varanda de um edifício em Copacabana, provavelmente para fugir de um estupro. A fala de sua mãe permite compreendermos alguns padrões dos jovens da época, pois reafirma e dá ênfase às virtudes morais da filha, como sendo santa, pura, cândida, estudiosa, inteligente. Ora, isto parece querer confirmar e comprovar que sua filha era mesmo inocente, numa tentativa de desmentir as acusações que começaram a se espalhar na época, de que era uma moça “leviana”, por estar à sós com dois rapazes. Por outro lado, ressalta-se neste papel de utilidade dado ao crime, o discurso do equilíbrio, onde as jovens podem ser puras, mas não ingênuas, devem ser prevenidas, em que aspectos novos no que tange ao feminino, convivem tensamente com aspectos mais permanentes.

Assim, não pretendo banalizar estes fatos, e torná-los, pela distância temporal, algo sem importância para aquela sociedade e naquele momento. No entanto, estes fatos parece que não podem ser encarados como desvios, pois acabam por penetrar sutilmente no campo do discurso normativo, pois caem nos usos que a tentativa de regramento acaba por fazer com eles, pois a moça morta é acusada de fácil, leviana por concordar em ir com dois rapazes, sozinha, ao apartamento de um deles. Desta forma, nestes fatos que não se enquadram no ideal do dever ser juvenil da época e que acabam na coluna policial, numa visível polarização, não se encontram as improvisações cotidianas, as mediações entre estes pólos opostos, os seus diálogos, que se dão de

maneira tensa, conflituosa, que não foram ditas e são indeterminadas, mas que merecem o olhar interpretativo do historiador/pesquisador.

Assim, trabalhando na relação entre a imprensa e outras fontes, busco interpretar experiências sociais daquele momento. Não se toma os autores da Bossa Nova como exemplares ou se busca explicações de causalidade nos fatos de suas vidas, mas relacionando suas memórias de juventude com o seu meio social através da imprensa, colocando em diálogo os aspectos diferenciados, procura-se ressaltar as mediações entre vivências pessoais/experiências sociais. Buscando, enfim, ressaltar em suas memórias aspectos da juventude dos anos 50.

Que articulações podem ser feitas entre o ideal de juventude propagado pelos autores da Bossa Nova em suas memórias e os discursos normativos para os jovens do período ditados pela imprensa? É nesta tentativa de interpretação que minha pesquisa se encaminha, na busca pela leitura da Bossa Nova feita pelos seus ouvintes, jovens dos anos 50 e 60. Esta parece ser uma das formas de compreensão da produção de sentidos elaborados por estes ouvintes às canções que figuravam no momento: pelo rastrear das questões relativas à juventude ressaltadas na imprensa dos anos 50 e 60.